

**FUTEBOL E O PROJETO DE UNIDADE NACIONAL NO ESTADO NOVO
(1937-1945)**

Melina Nóbrega Miranda

Mestranda em História Social na Universidade de São Paulo

E-mail: menomi@ig.com.br**Resumo**

Longe de nos fundamentarmos em teorias que vêm o futebol apenas como elemento de manipulação nos diferentes campos de poder (“instrumento ideológico”, “ópio do povo” ou “fenômeno da indústria cultural”), o compreendemos como fenômeno social, que por ser uma das manifestações da cultura popular brasileira, foi também utilizado, assim como outras manifestações culturais provenientes do âmbito regionalista, pelo Estado Novo para difundir um conjunto de valores supostamente pertencentes a um caráter nacional.

Abstract

Far from lay the foundation of theories that analyses the soccer game as a manipulation way on the different ways of power, we would like to descry it as a social phenomenon, which for being a Brazilian popular culture expression, it was also used, just like others cultural expression that came from the local sphere of action, by the Brazilian government between 1937-1945 (Estado Novo) to spread an entirely of values that supposedly belong to a national identity.

Palavras-chaves: Futebol, Estado Novo, unidade nacional.**Key Words:** Soccer game, Brazilian government, national identity.**O futebol em Norbert Elias**

Pensemos nas proposições realizadas por Elias sobre esportes, inspiradora de tantos autores e ainda hoje referência obrigatória para quem realiza estudos sobre tal temática, para compreendermos a escolha do futebol como elemento base para analisar a problemática indicada nesse artigo.

Em seu livro onde foi analisado o engendramento dos territórios medievais em Estados Nacionais, Elias destacou os jogos como um dos elementos (entre a etiqueta e outros fatores comportamentais) constituintes desse processo transformador de todos os níveis sócio-culturais. Ele denominou de “processo civilizador” esse conjunto de fatores modificantes da então ordem vigente¹.

De acordo com o sociólogo, durante a centralização e o monopólio da força física, frutos desse “processo civilizador”, ocorreu o desenvolvimento de um maior controle

¹ ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Coleção Memória e Sociedade. Capítulo IV. Lisboa: Difel, 1992.



social e as atividades ficaram menos violentas e mais reguladas – dando início aos desportos em seu sentido moderno.

O elemento necessário, de acordo com as concepções de Elias, para um passatempo se “desenvolver” em direção do “equilíbrio de tensão” e se tornar “maduro” constitui-se no próprio processo de construção da sociedade onde ele se encontra - fator explicativo para a preferência encontrada em cada sociedade por desportos diferentes.

Ao analisar a introdução do futebol e o seu desenvolvimento em desporto popular no Brasil, encontramos a ele vinculado os processos de urbanização e industrialização ocorridos em nossa sociedade no início do século XX. As grandes cidades do país, em destaque São Paulo e Rio de Janeiro, encabeçaram esse “processo civilizador” no Brasil, fato que, quando analisado na perspectiva da teorização de Elias sobre os desportos, nos ajuda a compreender a evolução e a importância dada por essas duas cidades aos esportes e as questões a eles relacionadas, como eugenia, saúde e educação física².

Porém, nessa época o futebol ainda não era tido como um esporte popular no país, o “esporte-rei” brasileiro. Essa condição foi construída historicamente através de um lento e conflituoso processo. Nessa luta entre os diferentes campos de poder³, o futebol por vezes avançou, e por outras retrocedeu no vivido social, até se tornar um elemento ritualístico na sociedade brasileira e vital de ser analisado para melhor compreendê-la.

Nesse artigo analisamos apenas um aspecto desse complexo processo de incorporação do futebol na sociedade brasileira – os êxitos e as falhas, via expressão do regionalismo entre os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, na tentativa de firmar o projeto nacional proposto pelo centro governista durante o Estado Novo. A importância de analisar esse período histórico se constitui como fundamental para compreendermos o “processo civilizador” por qual passou a sociedade e o próprio futebol - seu regramento, institucionalização e sua passagem da fase amadora para a fase profissional, quando se popularizou.

Futebol e o projeto de unidade nacional

Os donos do poder (a oligarquia cafeeira e os novos setores elitistas provenientes do espaço urbano, como a burguesia industrial)⁴ durante a segunda fase do governo getulista, o Estado Novo (1937-1945), procuraram legitimar a constituição de um estado autoritário

² Sobre a introdução do futebol no Brasil ver: CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*. Contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933). Tese de Livre Docência - ECA/ USP. São Paulo, 1988; MILLS, John. *Charles Miller*. O pai do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Panda Books Original, 2005; PEREIRA, Leonardo. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; SANTOS NETO, J.M. *Visão do jogo*. Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, p. 13-27, 2002; SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, nº 22, jun./jul./ago, p. 30-37, 1994 e SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982 e BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. IN: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

⁴ Sobre a reorganização das classes sociais na esfera participativa de poder durante o Estado Novo ver: CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Difel, 1977. p. 113 e DINIZ, Eli. O Estado Novo: Estrutura de poder, relações de classes. IN: FAUTO, Boris (Org.). *História Geral da civilização Brasileira*. T. III, v. 3. Cap. II. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1977. p. 84.



e fazer vingar a construção da Nação brasileira, uma, indivisível e moderna apoiando-se em princípios elitistas, conservadores, nacionalistas e autoritários⁵.

O elitismo contribuiu para desacreditar a sabedoria popular e as teorias de um governo pela maioria. O conservadorismo não foi uma defesa intransigente do *status quo*, mas uma concepção de mundo onde a ordem, a hierarquia e a tradição tinham papel preponderante. O nacionalismo e o autoritarismo completaram o papel de formação do Estado Nacional (onde se uniu o nacionalismo à unificação do território), com base nos ideais de justiça, “democracia social” e uma “razão de Estado”.

A idéia de um líder político símbolo da “pessoa coletiva” constituída pelo povo dessa nação, de um Estado autoritário com desejos democráticos, como a “expressão natural” das necessidades do país e a criação de um homem excepcional – o trabalhador brasileiro – como o único capaz de expressar e construir a nova ordem, também fizeram parte de uma construção ideológica sistematizada e articulada pelo governo estado novista para sua autolegitimação.

Na esteira desse projeto governista engendrador de uma identidade nacional brasileira, a necessidade de diminuir ao máximo a presença da herança regionalista, proveniente do período denominado pela historiografia de República Velha, constitui-se como fundamental.

Algumas cerimônias públicas exemplificam bem a importância dada no período, pelo governo estado novista, em fazer vingar o projeto de unidade nacional.

Na primeira dessas cerimônias, Vargas e alguns chefes estaduais colocaram-se em frente de uma urna prata, proferiram discursos em prol da unidade nacional, enquanto representantes de todos os estados nela depositavam, um após o outro, punhados de terra⁶.

A outra cerimônia é mais conhecida: a “cerimônia das bandeiras”, realizada na Esplanada do Russell, no Rio de Janeiro, menos de um mês depois do golpe de 10 de novembro (19 de novembro de 1937). Seu objetivo era propagar o artigo 2º da Constituição, onde proibia o uso de quaisquer símbolos, hinos e bandeiras com exceção dos nacionais.

O conteúdo imagético dessa cerimônia não deixa dúvidas quanto à intenção do regime em proclamar a submissão do poder estadual à União: as vinte e uma bandeiras estaduais foram queimadas em uma grande pira colocada no centro da praça e, logo depois, vinte e uma bandeiras nacionais foram hasteadas em substituição àquelas (enquanto o maestro Heitor Villa Lobos regia um conjunto de várias bandas e um coro de colegiais na execução do Hino Nacional).

Para analisar esse contexto político-social, especificamente seu projeto de unidade nacional, destacamos um elemento da cultura popular brasileira, o futebol, especificamente a rivalidade futebolística entre os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, herdeira de um regionalismo intenso proveniente desses dois pólos de poder no país (especialmente após a Revolução de 1932, promovida pelos paulistas contra o centro governista, sediado e simbolizado pelo Estado do Rio de Janeiro).

⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo. Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 15.

⁶ A cerimônia foi filmada e transformada em um dos Cines Jornais Brasileiros, de exibição compulsória em todos os cinemas do país. DINIZ FILHO, Luis Lopes. *Território e destino nacional: Ideologias geográficas e políticas territoriais no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado - FFLCH/ USP. São Paulo, 1993. p. 58.



Assim, compreende-se o futebol como fator social total⁷ da sociedade onde se encontra, como elemento demonstrativo, através dos “fluxos de jogos” conceituados por Duvignaud⁸, da dinâmica conflituosa de seus próprios grupos sociais constituintes.

Espaço privilegiado para práticas ritualísticas públicas e diárias nas sociedades contemporâneas, por ter em seu interior um micro cosmo (autônomo da sociedade), temporalidades próprias, espaços definidos (oficiais ou não), tensões e regras específicas (criadoras de uma moralidade, uma ética própria)⁹, o futebol enquanto drama torna-se uma das expressões da identidade nacional dessas sociedades, seus problemas, percepções, elaborações intelectuais e emocionais e seus sentimentos concretamente sentidos e vividos¹⁰.

Como Caillois, não pensamos em uma sociologia dos jogos, mas em uma sociologia a partir desses. Assim, escolhemos o futebol, dentre outros elementos culturais, para analisar um evento histórico constituinte da sociedade onde ele interage. Os valores e os estilos de cada sociedade podem ser analisados pela preferência dessa por uma determinada categoria de jogo, pois os jogos, os costumes e as instituições mantêm estreitas relações entre si, possibilitando averiguar, com a análise desse relacionamento, o destino das culturas, suas possibilidades de êxito, seu perigo de estancamento e seu desenvolvimento¹¹.

O futebol na imprensa escrita

Pesquisando as publicações diárias do jornal paulista *Correio Paulistano* e do carioca *Gazeta de Notícias* durante os anos 1937 (a partir de novembro, quando o golpe do Estado Novo foi realizado) até o final de 1940, encontramos notícias exemplares da relação conflituosa entre esses dois Estados, via rivalidade futebolística, além de notícias representantes de tentativas governistas para apaziguar tal rivalidade e utilizar essa paixão dos brasileiros pelo futebol em favor de seus interesses.

Citaremos, primeiramente, algumas das notícias identificadas como relevantes para observar, nos conflitos existentes entre os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, possíveis provas de fissuras no projeto de unidade nacional do Estado Novo. Posteriormente, destacaremos notícias exemplares das tentativas do governo estado novista de utilizar a paixão futebolística para escamotear os conflitos regionais e firmar esse mesmo projeto governista.

Em janeiro de 1938 encontramos nos respectivos periódicos um tema bastante recorrente, representante dos conflitos regionais existentes entre os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, tão nocivos ao projeto de unidade nacional estado novista. Esse tema consistiu em casos de “venda” de jogadores paulistas para o Rio de Janeiro. O mais comentado foi o caso do arqueiro King, do São Paulo Futebol Clube, integrado ao Clube de Regatas Flamengo após fugir do clube paulista:

⁷ MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.

⁸ DUVIGNAUD, J. *El juego del juego*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

⁹ HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

¹⁰ DA MATTA, Roberto (Org.); FLORES, Luiz Felipe B. Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. *Universo do Futebol*. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

¹¹ CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Ed. Cotovia, 1991.



*“Tende a complicar a relação entre os clubes paulistas e cariocas, com o caso do aliciamento de King, pelo Flamengo. Esse caso, atentatório aos bons princípios de moralidade e cortesia, veio por em foco a mentalidade de certos clubes do Rio que, sem o menor respeito pelos direitos alheios saltam por cima dos regulamentos e compromissos para satisfazer unicamente as suas ambições mesquinhas. Existe um grande movimento de opinião em S Paulo para que os nossos clubes rompam com os da Liga do Rio diante do caso King, uma vez que os demais companheiros do Flamengo estão ajudando-o a mover a politicagem do futebol brasileiro com o indispensável intuito de encampar semelhante bandalheira esportiva”. **Correio Paulistano. São Paulo. De Tudo um Pouco, 20 de janeiro de 1938. p. 10.***

Alegando ainda as transferências dos jogadores de São Paulo para o Rio de Janeiro como principal motivo, os clubes paulistas anunciaram a não concessão de seus jogadores para a formação do selecionado nacional participante do Mundial de Futebol em Paris, pois recebiam o “arrebato” dos jogadores paulistas pelos clubes cariocas; além disso, suspenderam os jogos com times cariocas e a Liga de Futebol do Estado de São Paulo ameaçou se desvencilhar da Confederação Brasileira de Desportos. Os clubes cariocas também ameaçaram não ceder ser “cracks” para os treinos preparatórios desse Mundial de Futebol¹².

Apelos e ameaças paulistanas em decorrência da ida dos jogadores de São Paulo para o Rio de Janeiro:

“É bem possível que São Paulo esportivo se venha a afastar do convívio oficial do futebol brasileiro, e o caso toma a cada momento uma feição mais grave. Não é de hoje que os clubes cariocas, sem a menor semcerimônia pelas leis e regulamentos, vêm buscar os jogadores profissionais de São Paulo. Quando os clubes paulistas reclamam e vão pedir justiça aos poderes esportivos, já encontra de atalaia toda a politicagem capadocia dos elementos guanabarinós, que procuram por vários modos, dar uma ‘SOLUÇÃO CARIOCA’ ao caso, qualquer elle seja! (...) o Conselho de Fundadores da Liga de Futebol do Estado de São Paulo, resolveu: a) – Em signal de protesto dos clubes paulistas, que fiquem suspensos todos os jogos do mesmo com os grêmios cariocas até que se esclareça a situação dos jogadores de São Paulo em relação à Federação Brasileira de Futebol; b) – Conceder plenos poderes ao presidente da Liga de Futebol do Estado de São Paulo, para a mesma agir na defesa dos justos interesses dos clubes filiados, inclusive pedir desfiliação da Federação Brasileira de Futebol; c) – Officiar à Confederação Brasileira de Desportos solicitando informações sobre qual será a situação da Liga de Futebol do Estado de São Paulo, se esta se desfiliar da Federação Brasileira, em face dos factos assignalados com o Vasco, Botafogo e Confederação Brasileira. Pelo que sabemos e ouvimos, não nos surpreenderá se se der o afastamento da entidade paulista do seio do futebol official. Afinal de contas, se é para se resolver vesgamente os casos esportivos sempre com o propósito manifestado de se amparar os clubes cariocas, o que nos adeanta pertencer às entidades

¹² *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. “Duvidosa a realização do treino de hoje”, 31 de março de 1938. p. 8.



*nacionais?”. **Correio Paulistano. São Paulo. “Tensas as relações esportivas S. Paulo-Rio”, 28 de maio de 1938. p. 08.***

Na Copa Roca de 1940 (competição entre as Seleções do Brasil e da Argentina), disputada em São Paulo, os desentendimentos provocados pelos conflitos regionais de São Paulo e Rio de Janeiro não foram poucos. O técnico paulista Sylvio Lagreca sofreu uma enorme pressão dos dirigentes e da imprensa carioca e renunciou ao cargo antes do jogo final. Em contraposição, a imprensa paulista não aceitou essa “injustiça” e fez duras críticas à imprensa e dirigentes cariocas:

*“O que preocupa sobremaneira os esportistas é a repercussão dessa desinteligência no seio do esporte nacional, dado o papel preponderante de S. Paulo e a confirmação da existência de um bloco político de hostilidade à gente esportiva bandeirante”. **Correio Paulistano. São Paulo. De Tudo um Pouco, 23 de fevereiro de 1940. p.08.***

Na tentativa de incorporar a paixão dos brasileiros pelo futebol em favor dos interesses do Estado Novo, destacamos a colocação da filha de Getúlio Vargas, a senhorita Alzira Vargas, como madrinha do selecionado brasileiro durante o Mundial de Futebol em Paris:

*“Motivo de forças maior tornou impossível ir hoje a Caxambu para assistir ao treino. Peço o obséquio de transmitir [para o sr. Alarico Maciel, presidente da delegação, transmitir] a todos os representantes do Brasil os meus agradecimentos por sua gentileza e a expressão da minha profunda confiança sua actuação [sic]. Saudações cordiais – (a.) Alzira Vargas”. **Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. “Um gentil telegrama da srta. Alzira Vargas”, 19 de abril de 1938. p. 9.***

As freqüentes notícias e fotos da seleção brasileira participante do Mundial de Futebol em Paris, na primeira página do periódico carioca, também podem ser tidas como apontamentos da importância dada ao futebol na sociedade brasileira, e demonstrar o uso desse elemento pelo governo estado novista (pois, vale lembrar, os jornais do período eram censurados pelo governo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda; ou seja, só era colocado na primeira página aquilo desejado pelo governo)¹³.

Afim de uma maior regularização do futebol no Brasil, alguns fatos integrantes de uma partida de futebol sofreram intervenção do governo, via formulações de leis ou decretos, ação policial ou censura com o DIP¹⁴. Mesmo o sindicato dos jogadores

¹³ Notícias sobre o selecionado nacional na primeira página, durante o Mundial de 1938, na *Gazeta de Notícias*, ver edições de 01/05/1938, 07/06/1938, 09/06/1938, 10/06/1938, 11/06/1938, 14/06/1938, 15/06/1938, 17/06/1938, 19/06/1938, 23/06/1938 e 12/07/1938.

¹⁴ Regulação do número de jogadores estrangeiros nos times de futebol nacionais: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Do meu canto, 29 de abril de 1939. p. 14; *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Sports, 07 de junho de 1939. p. 14 e *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Sports, 09 de junho de 1939. p. 14. Proibição pelo 2º delegado auxiliar de fotógrafos em campo após esses terem registrado a truculência da ação policial na Copa Roca: *Correio Paulistano*. São Paulo. “Os photographos voltam aos campos de futebol”, 07 de janeiro de



profissionais de futebol, criado em reuniões organizadas entre os próprios jogadores de futebol, passou a ser controlado pelo Ministério do Trabalho¹⁵.

Últimas considerações

A documentação e as análises constituintes desse artigo integram um corpo maior de reflexões provenientes de um ano e meio de Iniciação Científica, mais aquelas encontradas durante a pesquisa, ainda em andamento, para o Mestrado em História Social. O período histórico destacado corresponde à tentativa governista de modernizar a sociedade brasileira, apagando para isso heranças da velha República, como o seu caráter regional.

Nesse “processo civilizador” por qual passava o país, modernizou-se o futebol, popularizando-o e iniciando sua identificação com o *ethos* brasileiro¹⁶. Durante o Estado Novo inúmeras leis e decretos foram feitos nesse sentido – de regularizar e institucionalizar os esportes. O governo de Vargas aproveitou-se da popularidade do futebol, iniciada nesse período quando tal esporte mudava-se da fase amadora para a profissional (conseguindo mais adeptos e fãs no país, em principal nos grandes centros de poder, como os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro), para tentar concretizar alguns de seus projetos, tal como o de unidade nacional.

Porém, o futebol jamais deixou de ser praticado como jogo, como elemento lúdico em nossa sociedade. Por meio desse caráter desregrado ele constitui-se como drama, elemento ritualístico, compositor de nossa própria identidade nacional. A forte presença dos regionalismos via paixão futebolísticas corroboram para essa idéia – mesmo quando existia um projeto de unidade nacional os velhos costumes, tradições e ideais regionais continuaram a existir.

A presença do considerado arcaico perpassou, e ainda perpassa via longa duração histórica, os projetos governistas de modernização e o “processo civilizador” de nossa sociedade e do próprio futebol, enquanto fator dialético dessa. Além de ser elemento de manipulação governista, o futebol se construiu historicamente como algo maior em nossa sociedade: como elemento de identificação nacional no Brasil. Isso devido ao fato do futebol não ser apenas, mas também um esporte; o brasileiro *joga* futebol.

Referências bibliográficas

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Ed. Cotovia, 1991.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial*. Contribuição á memória do futebol brasileiro

1940. p. 07. Liberação do passaporte de Leônidas pelo próprio presidente Getúlio Vargas, para aquele atuar pelo Brasil na Taça Roca de 1940, na Argentina: *Correio Paulistano*. São Paulo. “Leônidas embarcou”, 02 de março de 1940. p.08.

¹⁵ *Correio Paulistano*. São Paulo. Notas Cariocas, 02 de outubro de 1938. p. 14; *Correio Paulistano*. São Paulo. Notas Cariocas, 02 de julho de 1939. p. 14 e *Correio Paulistano*. São Paulo. Notas Cariocas, 11 de julho de 1939. p. 10.

¹⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.



(1894-1933). Tese de Livre Docência - ECA/ USP. São Paulo, 1988.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Difel, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. IN: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DA MATTA, Roberto (Org.); FLORES, Luíz Felipe B. Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. *Universo do Futebol*. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DINIZ, Eli. O Estado Novo: Estrutura de poder, relações de classes. IN: FAUTO, Boris (Org.). *História Geral da civilização Brasileira*. T. III, v. 3. Cap. II. O Brasil Republicano. Sociedade e Política (1930-1964). São Paulo: Difel, 1977.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. *Território e destino nacional: Ideologias geográficas e políticas territoriais no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado - FFLCH/ USP. São Paulo, 1993.

DUVIGNAUD, J. *El juego del juego*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1982.

ELIAS, Nobert. Modelos de jogo. IN: ELIAS, Nobert. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Edições 70, 1969.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Nobert. A sociedade dos indivíduos. IN: ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: JZE, 1969.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca de excitação*. Col. Memória e Sociedade. Lisboa: DIFEL, 1992.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (Org.). *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.

MILLS, John. *Charles Miller*. O pai do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Panda Books Original, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo*. Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.



ISBN: 978-85-99688-02-1

X SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR

1,2,3 e 4 de abril de 2007
Campinas, SP – Brasil

PEREIRA, Leonardo. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS NETO, J.M. *Visão do jogo*. Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, nº 22, jun./jul./ago, p. 30-37, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Endereço para contato: Av. Rebouças, 1278. Ap. 408B. Pinheiros.
São Paulo – SP. CEP: 05402-000